

# Uma leitura geográfica da fome com Josué de Castro<sup>1</sup>

José Jakson Amancio Alves<sup>2</sup>

## RESUMO

O primeiro passo no estudo do fenômeno da fome na obra de Josué de Castro foi o de precisar o conceito de fome através do método geográfico. Tornar pública a existência da fome através da denúncia de suas causas e conseqüências foi seu grande objetivo a partir de suas obras; a primeira publicada em 1947, "A Geografia da Fome", e a segunda publicada em 1951, "Geopolítica da Fome". Em ambos os livros, Josué inicia sua apresentação do fenômeno da fome através de um tratamento geográfico da questão. Depois em "Geopolítica da Fome" Josué de Castro trata da face da fome no mundo por continentes. A importância destas obras se revela a todo o momento, pois o fenômeno da fome continua a existir e a se revelar cada vez mais forte sobre a superfície da terra.

**Palavras-chave:** Fome, método, Geografia, Josué de Castro, Geopolítica.

## ABSTRACT

The first step in this study about the phenomenon of hunger in the work of Josué de Castro was defining the concept hunger through the geographical method. To turn public the existence of hunger through the accusation of its causes and consequences was one of his great objectives of his work. A first publication dates from 1947 - the Geography of the Hunger - and a second one published in 1951 - Geopolitics of the Hunger -. In both books, Josué begins his presentation of the phenomenon of hunger through a geographical treatment of the subject. Then in "Geopolitics of Hunger" Castro treats hunger at the continental level. The relevance of these works is revealed at all moments, since the phenomenon of hunger continues, revealing that it continues to exist on the surface of the world.

**Key words:** Hunger, method, Geography, Josué de Castro, Geopolitics.

Josué Apolônio de Castro nasceu no Recife, em 05 de setembro de 1908. Filho único de Manoel Apolônio de Castro e de Josepha Carneiro de Castro. Passou a interessar-se pelos estudos graças à influência do educador e pedagogo Pedro Augusto Carneiro Leão, o qual, segundo Josué, foi a figura humana que mais influência teve em sua vida.

Josué de Castro não via fronteiras sociais nem culturais que não pudessem ser ultrapassadas na conquista da valorização e reconhecimento de seu trabalho. Os seus vários artigos e crônicas publicadas na época de estudante já revelavam a multiplicidade de interesses; ciências, literatura, pintura e cinema foram alguns dos temas abordados naquele período. Aos 24 anos torna-se livre-

<sup>1</sup> Artículo recibido el 16 de abril de 2007 y aceptado el 10 de septiembre de 2007.

<sup>2</sup> Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades - Região Nordeste do Brasil (Brasil). E-mail: jaksonamancio@hotmail.com

docente em Fisiologia da Faculdade de Medicina do Recife com a tese “O problema fisiológico da alimentação no Brasil”. Esta tese já indica o caminho e a importância que o autor atribui ao campo da alimentação, o que caracterizará toda sua obra.

Em 1935 se muda para o Rio de Janeiro onde assume a cátedra de Antropologia da antiga Universidade do Distrito Federal e em 1940 se torna professor catedrático de Geografia Humana na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Neste período destaca-se a publicação de “A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana” de 1937, sendo a primeira publicação na qual Josué de Castro se posiciona abertamente a serviço do “método geográfico”. Tratando diretamente da Geografia brasileira é imprescindível apontar para sua institucionalização a partir da década de 30. São Paulo e Rio de Janeiro se tornam referência para a Geografia Nacional e têm uma característica em comum: ambas são fortemente ligadas à escola francesa de Geografia que chega ao país através das “missões francesas”. A relação com os professores franceses como Pierre Deffontaines, por exemplo, certamente motivou o modo como Josué de Castro passa a arrostar a ciência geográfica e seu método de pesquisa.

Com relação à conjunção política, tendo em vista o cenário Nacional, pode-se dizer que Josué de Castro viveu três fases da história Nacional: De 30 a 45 vive sob o governo de Vargas; de 45 a 64 vive a curta experiência democrática, e de 64 até 73 presencia a tomada de poder por parte dos militares. Já com relação ao contexto político Internacional, Josué de Castro testemunha os horrores da Segunda Guerra Mundial e vive fortemente a bipolarização do mundo em torno de EUA e Ex-URSS durante a Guerra Fria.

Esse estudo trata de um resgate do método utilizado por Josué de Castro no estudo da fome em suas diversas dimensões. Essa descoberta foi de grande importância para a geografia, como também, a continuidade de seu estudo e domínio na aplicação do método que se traduziu em tantas obras, esquecidas ou desconhecidas por tantas academias nos dias atuais, principalmente no Brasil, em que o valor geográfico das obras

desse grande mestre da geografia brasileira e mundial vem à tona nesse artigo, pelo fato do grande passo dado na atualidade pelo governo brasileiro para combater a fome.

Um outro aspecto em especial diz respeito em conhecer pessoas e pensamentos, refletir sobre atos e ações, pensar o futuro são procedimentos para nutrir as esperanças, porque aproxima os pesquisadores de hoje e o de ontem.

## O uso do método geográfico

Os primeiros estudos de Josué de Castro: “O Problema Fisiológico da Alimentação no Brasil” de 1932, “O Problema da Alimentação no Brasil” de 1933, “Condições de Vida das Classes Operárias do Recife” e “Alimentação e Raça” ambos de 1935”; apresentam certamente uma inclinação maior para as áreas da Nutrição e da Antropologia, o que muda a partir de 1937 com a publicação de “A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana”.

Neste importante livro Josué de Castro afirma que para o estudo da alimentação, devido a sua complexidade, é necessário abordar diversos aspectos da realidade e que “o único método eficaz para essa análise é o método geográfico” (Castro, 2006). Neste sentido Josué de Castro entende o método geográfico como um método de síntese de diversos conhecimentos, sejam eles naturais ou humanos, que ocorrem sobre a superfície da Terra.

A base da definição do método aplicado por Josué de Castro está nos quatro “princípios geográficos” que podem ser notados em toda sua obra. O primeiro princípio seria o da localização, extensão e delimitação que determina que o geógrafo deve sempre localizar e delimitar a ocorrência dos fenômenos que ocorrem sobre a superfície da Terra. O segundo princípio seria o da coordenação ou correlação onde o entendimento de cada fenômeno nunca se dá de modo isolado, mas sempre levando em consideração outros fenômenos ocorridos em outras partes do globo terrestre. O terceiro princípio seria o da conexidade que aponta para a conexão dada pelo meio aos fenômenos impondo uma unidade terrestre. E o quarto e último princípio geográfico seria o da causa-

lidade que estabelece que os geógrafos ao examinar qualquer fenômeno devem atentar para suas causas e efeitos. A opção pelo método geográfico possibilitou a Castro uma análise mais ampla sobre as necessidades fundamentais das populações.

A partir deste momento Josué de Castro trilha um longo caminho marcado por continuidades e descontinuidades. Antônio Alfredo Teles de Carvalho aponta para uma clara distinção na definição do método na obra de Josué de Castro. Segundo ele, haveria uma primeira etapa mais descritiva que se estende até meados da década de 40 e uma segunda etapa crítica a partir de 1946, data da publicação de “Geografia da Fome”. Podemos aqui denominar esta primeira etapa como uma fase explicativa, onde Josué de Castro lança as bases para suas publicações que tratarão diretamente do fenômeno da fome (“Geografia da Fome” e “Geopolítica da Fome”) adotando uma fase mais crítica.

É necessário ressaltar que a escolha da temática da fome, como cerne de sua obra, tem tanto um significado científico de cunho político, que se manifestará durante toda sua obra, como um elemento potente na realização da crítica ou denúncia das relações sociais existentes. Podemos dizer que este momento mais crítico atinge o ápice no ano de 1957 quando Josué de Castro publica “O Livro Negro da Fome” e adota claramente uma interpretação do fenômeno atravessada pelo conceito de subdesenvolvimento.

Segundo Gonçalves e Fernandes (2000) a fome é a questão central dos estudos e da luta de Josué de Castro. Por meio desse eixo principal, o autor dimensiona suas análises em diversos outros temas como, por exemplo, a reforma agrária, a questão ecológica, o subdesenvolvimento e as desigualdades sociais. Afirma, explicitamente, que a fome é o problema ecológico número um na medida que todo ser vivo deve se alimentar para se manter vivo.

### **Descoberta do conceito da fome**

Ao longo de sua obra Josué de Castro desenvolveu diversos temas de relevância

para a Geografia e para a sociedade como um todo. Mas, certamente, a temática da fome foi a que mais tomou sua atenção e que acabou por torná-lo internacionalmente reconhecido. Josué revela no prefácio do livro “Homens e Caranguejos” “a descoberta da fome” nos mangues e alagados de Recife.

São duzentos mil indivíduos, duzentos mil cidadãos feitos de carne de caranguejos. O que o organismo rejeita volta como detrito para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez. Nesta aparente placidez do charco desenrola-se, trágico e silencioso, o ciclo do caranguejo. O ciclo da fome devorando os homens e os caranguejos, todos atolados na lama (Castro, 2003).

Sua vida e sua obra são marcadas por essas experiências, que mesmo tendo se formado em Medicina é na Geografia que ele se realiza e tornar-se reconhecido nos estudos e na luta que trava contra a fome. Prova disso é seu estudo de 1935 “Condições de Vida das Classes Operárias do Recife” onde, após poucos anos de ter completado sua formação como médico, dirige um estudo voltado para a Geografia Humana, dando ênfase às condições de vida, moradia e alimentação das classes mais pobres do Recife. Porém a opção pelo fenômeno da fome não é dada somente pelo contexto. É importante notar que esta preferência é também intencional e tem uma perspectiva política. Castro visava através dela agitar tanto o meio acadêmico como o meio político Nacional e Internacional, que por anos virou as costas para este grave problema que afetava e ainda hoje mantém refém grande parte da população brasileira e mundial, deveras intitulada como pobreza.

Em 1932, por intermédio do Departamento de Saúde Pública do Estado de Pernambuco, orientou a realização da primeira pesquisa científica sobre as condições de vida do brasileiro no Recife, intitulada As condições de vida das classes operárias no Nordeste, entrevistando 850 famílias em três comunidades de grande concentração de trabalhadores. Com uma abordagem inédita, o estudo virou pelo avesso a discussão da questão alimentar no Brasil, repercutindo em todo o País e provocando a realização de pesquisas semelhantes em outros Estados.

Esse estudo teve papel de destaque no processo que culminaria na criação do salário mínimo, em 1940. Foi inicialmente publicado pela Diretoria de Estatística e Publicidade do Ministério do Trabalho, sob o título *As Condições de Vida das Classes Operárias*, tratando do problema da subsistência alimentar em seus aspectos econômicos e sociais.

Com essa pesquisa, Josué de Castro procurou demonstrar, através de dados estatísticos, que “o fator primário da alta mortalidade da população brasileira é o estado de pobreza que condiciona a fome coletiva”, documento assim, segundo ele, “uma fase da evolução econômica e social do Nordeste”. Abrindo caminho para esse gênero de pesquisa, concentrando-se na Geografia e na Antropologia, influenciando no surgimento de investigações semelhantes em outras áreas do País.

Os estudos sobre alimentação e nutrição, do geógrafo Josué de Castro tornou-se uma referência em todo o mundo como especialista nos problemas da fome e do subdesenvolvimento em geral. Josué de Castro levantava comprovações radicais de uma série de idéias, não só pela seriedade e audácia com que enfrentou o grande tabu, a fome, mas pela denúncia que fez da situação em que vivia a maioria da população do país, usando metodologia eminentemente geográfica, analisou as suas características físico-naturais e sociais. “Denunciei a fome como flagelo fabricado pelos homens, contra outros homens”, afirmava Josué de Castro, apontando a dimensão social do problema.

As soluções para eliminar essa tragédia devem partir, portanto, de uma abordagem mais ampla, seguindo os ensinamentos do mestre Josué, que tratava a fome como “a expressão biológica dos males sociológicos”. A fome passou a ser o objetivo de seus estudos. Passou a estudá-la cientificamente, tal como ela se manifesta em nosso país, publicando sua conhecida obra *Geografia da Fome* (1946), na qual apresenta o problema da subnutrição e da carência alimentar em toda a sua realidade. Até então a fome era tratada apenas em sua variante biológica, como a necessidade de comer. Josué trouxe para a análise do tema aspectos econômi-

cos, políticos, sociais e geográficos. O livro fez o primeiro mapa da fome do Brasil, dividindo o País em cinco regiões, sendo que duas eram de fome (Norte e Nordeste) e as demais de subnutrição. O livro foi traduzido em 25 idiomas e tornou Josué de Castro conhecido no mundo. Pôs em alvoroço o ambiente intelectual e político brasileiro, pois o livro aflorou algo que todos tentavam ocultar, a fome.

Na época, o ufanismo permeava o sentimento Nacional. O livro de Josué ia à contramão dessa tendência. Por isso foi acusado de estar passando para o mundo a imagem de um Brasil “país de famintos”. Como pensador conseqüente não se limitou a dar o diagnóstico da fome do mundo, passou também a orientar como se poderia desenvolver a luta pela sua erradicação, a questão alimentar passava a ter forte prioridade nas preocupações governamentais e já se começava a entender que os grandes problemas não dependiam apenas de aspectos étnicos ou climáticos, mas do sistema social gerado pela colonização e sugeria a necessidade de se desenvolver uma política de correção dos seus impactos negativos. Com absoluto domínio do método geográfico, Josué foi o primeiro a dizer: “Existe fome no Brasil”.

Josué de Castro terá sido o homem da ciência e o homem da visão política, no seu tempo, de maior significação e de maior repercussão. O autor célebre, o cientista célebre e o homem de visão política aqui está o fruto de seus estudos, da sua investigação, da sua extraordinária capacidade de refletir, deveres e compromissos com a humanidade, no seu talento de escrever e no seu talento de dizer. Josué de Castro marca de forma extraordinária o seu tempo, o meu tempo e o tempo de Milton. Não sei de ninguém que tenha sido como ele: uma expressão da ciência brasileira em que determinados instantes foi uma espécie assim de confrontação com pensamentos, os mais consolidados, os mais realçados das reflexões internacionais (Pires, 1996).

Foi através da leitura deste livro [*Geografia da Fome*] que me tornei um militante das causas da população [...] Muitos, também através da leitura de Josué de Castro torna-

ram-se colegas de luta, companheiros de grande atividade profissional. “Para se dar uma dimensão maior, tenho a impressão e não apenas aqui no Brasil, mas no mundo inteiro, esse livro foi traduzido em 26 idiomas e de que “fez a cabeça” de muita gente, revelando uma realidade, que até então, nunca havia sido mostrada de forma tão dramática” (Batista, 1996).

Quero dizer, pois, que a sua palavra não caiu em vão e se o lábaro que nos mostrou de certo modo, neste país que fala em subnutrição, não fala mais de fome, esse lábaro de certa forma, por muito tempo não foi erguido, ou foi erguido de maneira equívoca para que justamente, logo tivesse os frutos desejados ainda é tempo de retomar o caminho que ele nos mostrou e de ganhar a batalha. Imagino, pois, que a lição de Josué de Castro é uma lição permanente e que deve ser recebida com a emoção que ela merece (Santos, 1996).

Josué de Castro foi um homem que viveu um amor intenso por esse país. E a forma de mostrar esse amor foi denunciar através da sua imensa capacidade, da sua enorme compreensão social, a fome que sempre grafou nesse país e que as elites descompromissadas com o que há de mais importante no Brasil, sempre ignoraram e fizeram questão de ignorar e que agora o destino está aí, exatamente mostrando e repetindo, seguindo os passos de seu mestre e mostrando exatamente que a fome está aí. No momento em que o país tem a 8ª ou 9ª economia mundial, já teria condições de dar a essas pessoas uma vida melhor, escola, cultura e, sobretudo o que comer e nada se faz de concreto. Um país rico, um país que tem as potencialidades do Brasil e que hoje continua da mesma forma como Josué denunciou e mostrou, analisou, pesquisou, continua ainda com essa enorme gama, com esse enorme número de excluídos sociais (Celso, 1996).

“... a palavra proletariado, como indicador de prole, de muitos filhos, para indicar as camadas mais pobres é a indicação exata da tese de Josué, que nações mais populosas do mundo não são pobres porque são populosas ou porque têm fome, são populosas porque têm fome e porque são pobres. A co-

ragem de pensar isso diante do mundo, a coragem de levantar essa tese, era alguma coisa de extraordinário, que teria colocado qualquer pessoa tímida com certo receio. Eu me lembro de muitos falsos cientistas, desses que só sabem ler o já escrito, só sabem pensar o já pensado, a perplexidade deles, e a raiva e o ódio de Josué, a perguntar, mas onde, em que autor, onde, onde ele se baseia para dizer isso? [...] Josué foi este homem, este pensador que nós tivemos que nasceu entre nós, que cresceu que amadureceu aqui e que não foi um homem, um intelectual, mais um dos que lêem o que os outros escreveram. Foi o mais lido dos intelectuais brasileiros. Nenhum de nós conseguiu publicar mais livros, em tantas edições, com tantas tiragens como Josué” (Ribeiro, 1983).

Josué fala de uma humanidade entregue aos instintos primitivos porque se de um lado se justificava, perfeitamente, a falta de sono daqueles que não tinham alimento, de outro lado, não se podia compreender a atitude impassível daqueles que tendo sobra demais no seu bem estar, não desejavam atender e ajudar a atenuar a situação de miséria daqueles que se achavam dentro dos \_ de famintos. E no mundo, hoje, sobram cada vez mais as verbas para armamentos e cada vez minguem mais as verbas para a assistência social. Enquanto homens do Nordeste se vêem obrigados a consumir a sua dieta de lagartos e cobras, outros realizam banquetes requintados (Lima Sobrinho, 1983).

O Prof. Josué de Castro bem poderia ter dado ao seu livro de alcance mundial “Geopolítica da Fome”, o título de “Fome e Política” por que, nesta obra, surgem perspectivas políticas de primeira grandeza. Mas, como salienta o próprio Autor, sempre foi considerado pouco conveniente, entre os povos bem alimentados, discutir-se a fome dos menos afortunados-fome que nunca foi assunto muito popular em matéria de política. E, no entanto, a fome tem sido através dos tempos, a mais perigosa das forças políticas. Foi a fome que precipitou a Revolução Francesa. Uma multidão de mulheres dos cortiços de Paris marchou até a sede do Parlamento, bradando por pão. Os políticos fugiram. As mulheres, com suas hostes reforçadas pelos homens, rumaram para a

Bastilha. A queda da Bastilha foi o golpe de morte contra o sistema feudal na França, iniciando uma nova era. Na atual crise mundial, livro como a “Geopolítica da Fome” é de vital importância. Se os políticos de todas as nações do mundo pudessem esquecer por um momento os seus conflitos políticos e lessem “Geopolítica da Fome”, sem idéias preconcebidas, adquiririam certamente uma visão mais sadia dos problemas universais e teriam, assim, maior possibilidade de salvar nossa civilização de perecer numa terceira guerra mundial (Boyd Orr, 2007).

O livro de Josué de Castro, em que são estudadas, em seu quadro geográfico, as insuficiências de alimentação dos grupos humanos vem, de certo modo, ao encontro de várias ordens de preocupações. Primeiro, uma angústia despertada em todas as almas pela lembrança de misérias recentes e pela consciência que temos, agora, de sua persistência em várias regiões. Depois, o sentimento de uma contradição entre duas séries de fatos, o crescimento demográfico atual da espécie humana e a possibilidade de aceleração deste crescimento pela generalização dos cuidados higiênicos, dum lado, e de outro lado, o balanço dos recursos alimentares. A velha fórmula de Malthus já não é aceitável, mas a inquietação que a inspira ainda perdura. Enfim, os progressos da fisiologia da alimentação orientaram para esses problemas todos aqueles que, a um título ou outro, se têm interessado pela ecologia humana. Seja permitido dizer que este é o meu caso. O movimento natural do pensamento do ecologista o conduz para o estudo das condições de nutrição dos grupos humanos no seu quadro geográfico, independentemente de toda preocupação de atualidade (Sorre, 2007).

Diante de certos livros é que a gente vê como é fácil e sem importância o ofício de literato. Sim, são realmente os cientistas que nos botam complexo de inferioridade. Porque afinal de contas fazer literatura não é mais do que coisa gratuita e à toa, anotar impressões, traduzir um estado de alma, ou relatar algum sucesso havido, sempre deformado. Em suma: tudo improvisação, falsificação, fingimento. Mas escrever um livro que informe, ensine, descubra verdades encobertas ou controvertidas, isso sim, repre-

senta, na realidade, um mundo de honestidade, esforço, labuta, rigor além do talento natural que exige em grandes doses. E é, pois o sentimento da minha inidoneidade que me afeta ao tentar um comentário em torno do livro do ilustre professor Josué de Castro: A “Geografia da Fome” (Queiroz, 2007).

“A Geografia da Fome” é, sem dúvida, um dos mais valiosos livros publicados na última década. Os fatos e teorias nele contidos são de imediata, radical e fundamental importância para a humanidade. Seu tema é a pior enfermidade do mundo, mais comum e mais mortífera do que as guerras e pestes em conjunto (Holloway, 2007).

O prof. Josué de Castro enfrentou justamente esse assunto tabu (Fome), difícil, negado, escondido nos relatórios e coberto com os retalhos de sinônimos bonitos como mentiras. É um sentimento primário que humilha a nossa cultura de raciocínio. Não humilha a concepção instintiva de civilização, mas os elementos formadores, minando-lhes o interior com denúncia de uma desanimadora e diária verdade natural (Cascudo, 2007).

Na verdade, Josué de Castro reunia em uma só pessoa as qualidades da inteligência, da agilidade mental, da argúcia na observação, e da coragem em denunciar as injustiças e os dramas sociais, apontando suas causas e alternativas para dominá-los e por fim às suas conseqüências. Sendo médico de formação profissional, especializou-se em fisiologia e dedicou-se a problemas de nutrição. A partir de observações individuais de seus clientes, passou a procurar uma dimensão social para o problema da alimentação escrevendo um livro sobre a “Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana” (Andrade, 1981).

A sociedade de opulência, em que nos encontramos por direito ou como satélite, institucionalizou a fome. Neste momento queria render minha homenagem e lembrança à memória de Josué de Castro um brasileiro universal. Josué de Castro, que foi Presidente do Conselho da FAO e o primeiro também a prever os problemas que hoje enfrentamos. Josué de Castro sintetizou sua

análise sociológica e cultural em seu livro intitulado “Geografia da Fome”, que depois de um quarto de século continua atual, partindo de um modelo crítico da sociedade imperialista. Nesta hora decisiva para a FAO, momento em que é indispensável investir no homem assegurando seu pleno desenvolvimento, o México se inclina respeitosamente diante de Josué de Castro, homem que, do Nordeste do Brasil, ergueu, movido por sua angústia de médico e sociólogo do Terceiro Mundo, sua experiência em teoria e sua teoria em conhecimentos antropológicos e objetivos do mundo, onde o problema do futuro ameaça, pelas realidades imediatas, o que há de mais premente, a saber, a alimentação e a agricultura. Pela memória e pelo coração, nós nos rejubilamos por este brasileiro extraordinário que conosco lutou para fazer reinar a justiça e a solidariedade internacionais, Josué de Castro não é mais um de nós. Poderíamos dizer como os Romanos “Ele viveu” e dizer como ele “somente solucionando os problemas atuais poderemos tentar resolver os do futuro. A vida do homem está em marcha para uma nova sociedade. Ou nós a construiremos com as nossas mãos e nossa inteligência, ou assistiremos, inevitavelmente, à sua destruição violenta do sistema que impede sua realização pelo egoísmo e particularismo (Alvarez, 1974).

A notícia da morte súbita de Josué de Castro, ocorrida em Paris, deixa consternada esta Universidade que tinha nela um de seus mais talentosos mestres. Era desta extirpe de homens raros, a quem jamais seria possível ignorar, ou ficar indiferente, tal a força de sua personalidade e o vigor de sua atuação, sempre combativa, às vezes contundente e incômoda. Dotado de grande inteligência e imaginação fértil, servia-se da palavra fácil, escrita ou falada, para defender suas idéias, que convergiam, afinal, para o grande sonho de construir um mundo melhor, onde a miséria e a fome não sacrificassem milhões de pessoas. Em Josué de Castro realizou-se a difícil harmonia do sonhador com o homem de ação. Dou testemunho de quem o conheceu de perto, privando de sua amizade por cerca de trinta anos. Apreciei-lhe o inconformismo, o ideal, o ânimo combativo, os devaneios e as realizações. Ele usou a própria angústia para dar um sentido humano e

social à sua obra, que há de ressurgir na admiração póstuma (Fraga Filho, 1973).

Fredéric Joliot Curie, grande sábio e grande homem, falecido recentemente, costumava dizer, ao falar da América Latina, ter lido nos últimos anos poucos livros tão importantes quanto a “Geopolítica da Fome” e sua voz era veemente ao fazer o elogio da obra e do autor. De Josué de Castro e de sua obra de escritor e cientista, sobretudo da Geografia e da Geopolítica da Fome ouvi falar, tanto em Paris, como em Moscou, tanto em Viena e Berlim, quanto em Pequim e Ulan Bator, cidade encravada nas Montanhas da Mongólia. Por toda parte onde se lê e onde o trabalho da inteligência é respeitado e amado. Possuímos um pequeno grupo de homens de ressonância universal: o político Oswaldo Aranha, o arquiteto Oscar Niemeyer, os pintores Portinari e Di Cavalcanti, o compositor Villa-Lobos, uns poucos. O nome mais conhecido de todos, no sentido da extensão desse conhecimento pelas fronteiras do mundo, é, no campo científico e social, o de Josué de Castro. As traduções dos seus livros, o eco despertado por sua obra sobre os problemas da fome, no mundo moderno, fizeram dele um dos grandes nomes, dos mais célebres e dos mais respeitados da cultura contemporânea. Seus admiradores chamam-se Pearl Buck, Ann Seguers, Vercors e Joliot-Curie, Kuo-Ko-Jo e Lisenko, para citar apenas meia dúzia entre centenas de milhares (Amado, 1996).

É este o mais encorajador, o mais esperançoso e o mais generoso livro que eu já li em toda a minha vida. Livro escrito por um famoso cientista, um técnico que sabe o que está dizendo, um conhecedor dos problemas práticos, um homem do mundo no melhor sentido da palavra, porque conhece o mundo e suas populações e apresenta-nos numa obra magistralmente escrita o conhecimento fundamental para felicidade e paz dos homens. É por esta razão que eu afirmo que este livro - A Geopolítica da Fome, do eminente cientista Josué de Castro - é o mais importante livro que já foi publicado nestes confusos, perigosos e ridículos tempos atuais. Ridículos porque, embora a paz seja prática e possível, indivíduos há, em várias partes do mundo, tocando seus tambores para manufaturar uma guerra (Buck, 2007).

Quantos professores, jovens e militantes do Brasil conhecem ou ouviram falar de nossos queridos Josué de Castro, Paulo Freire, Darcy Ribeiro, João do Vale, Patativa do Assaré, Câmara Cascudo, Caio Prado Junior, Nelson Werneck Sodré e tantos outros. Esses pensadores foram “esquecidos” pela classe dominante, para que as gerações atuais não pudessem se apropriar de seu pensamento, de seu exemplo, de suas reflexões. E nos proibiram de conhecê-los porque sabem que seu pensamento e ação são revolucionários. Revolucionários não numa retórica agitadora de gritar loas à mudança. Revolucionários no verdadeiro sentido de Marx e de Caio Prado Júnior: de revolucionar as estruturas econômicas e sociais, para que o povo possa se apropriar coletiva e socialmente dos bens da natureza e das formas de produzir os bens, utilizando-os em favor da melhoria de vida material e cultural de todos e não apenas de uma minoria, como sempre aconteceu nestes 500 anos. Nossa obrigação, como militantes estudiosos e dedicados que devemos ser, se quisermos honrar a memória de Josué de Castro, é estudar suas obras, compreendê-las, utilizá-las para transformar nossa realidade. Recuperar seu pensamento e ação para que todos os estudantes e militantes o conheçam (Stédille, 2007).

Josué percebia a necessidade de reformas, sabia manter sempre a modéstia entre o presumível e o ilusório, entre a fato e a utopia, de fato foi um homem além do seu tempo. Viu a fome de tal forma que só hoje é que o mundo enxerga. Pois deu a fome uma forma política e científica a luz da geografia. No Brasil existe a característica de se ocultar seus grandes problemas, como sobre a Amazônia, Agroenergia, Transposição do Rio São Francisco, etc. Porém, naquela época tínhamos um Josué, que anunciava, contradizia e denunciava o mal contexto vivido e com coragem expõe ao mundo que a fome existe no Brasil e em outras partes, e é um problema político e do estado, que essa é uma questão em si mesmo que tem de ser enfrentada. Passados tantos anos da descoberta da fome como um problema político, no Brasil ela sempre se encontra tão atual como nunca, e as tentativas de acabar são muitas, através de diversas entidades não governamentais, Ongs, etc., porém todas as receitas caminho sobre uma única cartilha,

as orientações do mestre Josué de Castro, que, como exemplo, uma resposta de Furtado para acabar com o problema da fome com base na leitura geográfica de Castro, ele afirma:

Visto apenas do ângulo da fome, o problema da pobreza pode ter no Brasil solução relativamente fácil. Mas no Brasil não há escassez de alimentos. Somos um país exportador de alimentos, temos um potencial agrícola enorme. Basta, num primeiro momento, assegurar o acesso a uma cesta básica de alimentos (Furtado, 2002).

No polêmico tema da fome, deve se falar obrigatoriamente em pobreza foi isso que Josué descobriu nos mangues do Recife. Não se combate fome sem combater pobreza.

Segundo Ricardo Abramovay a palavra fome tem dois significados bem distintos: Um deles é o de apetite, vontade de comer, um fenômeno instintivo que nos leva a buscar alimentos e, conseqüentemente, preservar a nossa vida; O outro, de subalimentação ou desnutrição, tem a ver com a impossibilidade de se alimentar ou com o fato de se alimentar de forma errada.

Para Carlos Augusto Monteiro, do Departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, é preciso que se defina com clareza a dimensão que cada um desses “três flagelos” - a pobreza, a desnutrição e a fome-alcançam em nosso país. -Pode-se dizer que pobreza corresponde à condição de não satisfação de necessidades humanas elementares como comida, abrigo, vestuário, educação e assistência à saúde.

As definições operacionais de pobreza levam em conta a renda das famílias e a chamada linha de pobreza corresponde ao mínimo de renda que as pessoas devem ter para satisfazerem suas necessidades básicas. Quando a linha da pobreza se baseia apenas no custo da alimentação, estamos diante de uma condição de pobreza extrema ou indigência. As deficiências nutricionais, por sua vez, são doenças que decorrem da ingestão insuficiente de energia e de nutrientes ou ainda do mau aproveitamento biológico dos alimentos ingeridos, e pode ser

perfeitamente diagnosticada por meio de exames laboratoriais.

## **Fome como fenômeno na obra de Josué de Castro**

O primeiro passo no estudo do fenômeno da fome na obra de Josué de Castro deve ser o de precisar o conceito de fome que o autor desenvolve. Este conceito foi claramente exposto em seu livro "A Geografia da Fome" no terceiro item do prefácio intitulado: "Nosso conceito de fome: as fomes individuais e coletivas. As fomes totais e parciais. As fomes específicas e as fomes ocultas". Neste ponto Josué de Castro afirma que irá tratar especificamente da fome coletiva seja ela endêmica (permanente) ou epidêmica (transitória), seja ela total (inanição) ou parcial ou oculta.

Ele confere uma atenção especial para a fome parcial ou oculta, por esta, segundo ele, ser mais freqüente e atingir uma maior parte da população. É de extrema importância notar que Josué de Castro não irá restringir o conceito de fome, ao contrário, utilizará este conceito, mesmo quando outros autores utilizariam conceitos como o de subnutrição ou desnutrição. Esta opção em "abrir" o conceito tem razões científicas, pois como ele mesmo aponta, a fome parcial além de ser mais freqüente também seria mais grave. Ao mesmo tempo tem razões políticas, pois assim a fome não poderá ser tratada como um fenômeno restrito às "regiões longínquas" como o Oriente e a Europa do pós-guerra. Tornar pública a existência da fome através da denúncia de suas causas e conseqüências foi o grande objetivo de duas das maiores obras de Josué de Castro, a primeira publicada em 1947, "A Geografia da Fome", e a segunda publicada em 1951, "Geopolítica da Fome". A diferença teórico-metodológica é praticamente nula entre ambas, sendo a escala de análise a principal modificação de uma para a outra.

Josué de Castro aponta no prefácio de "A Geografia da Fome" duas razões que o levaram a pensar em escrever esta obra em diferentes volumes. A primeira se refere à extensão do fenômeno da fome que abrange

todos os continentes e a segunda se refere à possibilidade de lançar volumes separadamente sem prejudicar o conteúdo da obra como um todo. Em ambos os livros Josué iniciam sua apresentação do fenômeno da fome através de um tratamento mais teórico da questão. Este tratamento tem como objetivo dar base para que o leitor possa entender o conteúdo que virá a seguir, ou seja, dar instrumento para que o leitor entenda o conteúdo dos estudos das regiões afetadas pelo drama da fome. Em "Geopolítica da Fome", utilizando-se de zoneamento apresentado pelo próprio autor em "A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana" Josué de Castro divide o Brasil em cinco grandes áreas sendo três delas consideradas áreas de fome. Área Amazônica, Área da Mata do Nordeste ou Área do Nordeste Açucareiro e Área do Sertão do Nordeste são as áreas de fome no Brasil, enquanto as áreas do Centro-Sul e Extremo Sul, apesar de não apresentarem um padrão dietético satisfatório, mas não são consideradas áreas de fome. Já em "Geopolítica da Fome" Josué de Castro trata do fenômeno da fome no mundo dividindo sua análise nos seguintes continentes: América, Ásia, África e Europa.

De certo modo podemos apresentar duas linhas principais apontadas por Josué de Castro em "Geopolítica da Fome". A primeira trata-se, de como já foi mencionado, da superação do tabu da fome, onde Josué de Castro tenta demonstrar como a humanidade sempre sofreu com o drama da fome, não importando a época ou a região do globo. Neste sentido o autor realiza em todos os capítulos uma retrospectiva histórica do fenômeno da fome para cada região. A segunda linha principal, que já pode ser notada em "Geografia da Fome" é a denúncia dos estragos cometidos pelo processo de colonização ao redor do mundo.

Josué de Castro indica insistentemente para o fato de que todas as regiões que passaram pelo processo de colonização (europeu principalmente) sofreram e ainda sofrem com o flagelo da fome. É imprescindível destacar ainda o debate que Josué de Castro trava com a teoria de Malthus principalmente após 1948, ano da publicação do livro "O caminho da sobrevivência" de Willian Vogt, livro este que teve grande repercussão entre

os adeptos do malthusianismo. É verdade que desde o início de sua obra Josué de Castro trata o fenômeno da fome como um fenômeno social e não natural que pode ser superado através da ação do próprio Homem. Porém, a partir de 1948, Josué de Castro se coloca em franco debate com as idéias malthusianas negando suas teses e apontando dois erros graves na tese malthusianas: que afirma que a população cresce em progressão geométrica e a produção de alimentos em progressão aritmética.

Primeiramente Josué de Castro afirma que não se pode ver o crescimento da população como uma variável independente, sendo este crescimento sujeito a fatores políticos e econômico variando de acordo com a conjuntura social.

Depois Josué de Castro aponta para os avanços técnicos que foram realizados desde os tempos de Malthus que provaram que o crescimento da produção de alimentos pode acompanhar o crescimento da população, ou muito mais.

Contudo, a principal e talvez mais polêmica tese de Josué de Castro, trata da relação entre a fome e o fenômeno da “superpopulação”. Trabalhando com o princípio de causalidade Josué de Castro afirma que o fenômeno da “superpopulação” não causa fome, mas sim que a fome é a causa do fenômeno da “superpopulação”. Para Josué de Castro populações com deficiências alimentares se tornariam mais férteis, tendo mais filhos o que causaria um aumento indesejado da população. Além disso, segundo Josué de Castro, com um alto índice de mortalidade infantil e a necessidade de braços para trabalhar para o sustento da família o número de filhos por casal também aumentaria significativamente.

É através desta relação de causa e efeito –fome e “superpopulação”– que Josué de Castro combate o discurso malthusiano e ainda afirma que a melhor maneira de se controlar o crescimento da população é promovendo uma melhoria significativa do padrão alimentar das pessoas. Porém é possível perceber que assim como Malthus, Josué de Castro trabalhou somente com uma relação de causa e efeito (causalidade). Trata-

se de uma lacuna deixada em sua obra e um convite aos pesquisadores na atualidade em complementar, pois este tratamento não chega a superar a lógica do pensamento malthusiano.

## Segurança alimentar no combate a fome

Resta a fome, certamente o problema mais difícil de definir e mensurar. “Se descartarmos a fome aguda, ou momentânea, que corresponde ao apetite, temos que pensar na fome crônica, permanente, que ocorre quando a alimentação habitual não propicia ao indivíduo energia (calorias) suficiente para a manutenção do seu organismo e para o exercício de suas atividades cotidianas”, explica o professor, lembrando que as dificuldades técnicas de se medir, de forma confiável, a ingestão alimentar habitual dos indivíduos e suas correspondentes necessidades energéticas tornam difícil a mensuração direta da extensão da fome ou da deficiência energética crônica em uma população, que acaba sendo determinada de forma indireta a partir da avaliação do percentual de pessoas que apresentam insuficiente relação peso/altura.

É possível, portanto, que uma pessoa seja pobre, mas não passe fome e que, em situações especiais, de guerra ou catástrofes naturais, por exemplo, haja fome sem que haja pobreza. Além disso, se podemos afirmar que a fome sempre acarreta deficiências nutricionais, não podemos dizer que todas as deficiências são devidas a falta de comida. Muitas vezes a desnutrição ocorre por conta da baixa qualidade dos alimentos ingeridos, da falta de higiene no preparo dos alimentos, de doenças diarreicas e parasitas intestinais ou até mesmo por questões sociais e culturais ou por distúrbios alimentares de ordem psicológica, como a anorexia ou a bulimia. Isso significa que, apesar de serem igualmente graves e indesejáveis, a fome, a desnutrição e a pobreza não são a mesma coisa e, dessa forma, requerem também soluções com escala, investimentos e conteúdos distintos.

Na opinião de D. Mauro Morelli, bispo de Duque de Caxias (RJ), se houvesse de-

cisão política e boa gestão seria possível acabar com a fome no Brasil em cinco anos, mas não com a miséria: “Eu acho que temos condições e competência para produzir e distribuir alimentos e isso acabaria com o problema da fome. Quanto à miséria, eu penso que seriam necessários uns 50 anos para se eliminar as suas marcas”.

Diante dessa perspectiva o Programa “Fome Zero” do Governo Lula é um importante passo para acabar com a fome: “Enquanto houver um irmão brasileiro ou uma irmã brasileira passando fome, teremos motivos de sobra para nos cobrirmos de vergonha. Por isso, defini entre as prioridades de meu governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de “Fome Zero”. Como disse em meu primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar terei cumprido a missão da minha vida. É por isso que hoje conclamo: Vamos acabar com a fome em nosso País. Transformemos o fim da fome em uma grande causa Nacional, como foram no passado à criação da Petrobrás e a memorável luta pela redemocratização do País” (Silva, 2003).

No programa estão englobados os efeitos da fome, noções de segurança alimentar e nutricional, enfatiza os aspectos do acesso e da disponibilidade em termos de suficiência, continuidade e preços estáveis e compatíveis dos alimentos com o poder aquisitivo da população ressalta a importância da qualidade e valoriza os hábitos alimentares adequados, colocando a segurança alimentar e nutricional, como uma prerrogativa básica para a condição de cidadania.

Esse foi o primeiro e grande momento após tantos anos de se ter descoberto a fome no país como uma questão política, hoje denominada de Segurança Alimentar, que um governante, busca combatê-la pelo lado da distribuição de alimentos. Porém, o termo “fome” tem um apelo muito forte e serve para chamar atenção sobre um grave problema, é que dentro do conceito de segurança alimentar, qualquer política que vise resolver o problema da fome não pode descuidar do aspecto nutricional.

Para consolidar esse marco histórico de combate a fome no país, foi que em 16 de setembro de 2006, entra para a história das conquistas sociais no Brasil, o ato de promulgação da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), carregando em si uma teia de significados ao elevar o acesso à alimentação à condição de política de Estado permanente, que tanto defendia o mestre Josué de Castro.

O conceito de Segurança Alimentar e Nutricional tem sido difundido no mundo desde o início do século XX, e significa “garantia, a todos, de condições de acesso a alimentos básicos de qualidade, em quantidade suficiente, de modo permanente e sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, com base em práticas alimentares saudáveis, contribuindo, assim, para uma existência digna, em um contexto de desenvolvimento integral da pessoa humana”.

Algumas coincidências cercaram o evento ampliando ainda mais sua importância: a lei fora aprovada no Senado no dia 5 de setembro, dia do aniversário de Josué de Castro, médico e geógrafo, pioneiro na defesa das políticas de segurança alimentar no Brasil que, se estivesse vivo, completaria 98 anos. E sua principal obra, “A Geografia da Fome”, completaria neste ano de 2007, 62 anos, com um rigor científico e político que a mantém como referência de todos que militam na área.

Seguramente ao defender a fome como um problema institucional, neste momento Josué rompe com muitos limites de sua época e ele sabia o que estava fazendo, pois ele próprio afirmou ser necessário derrubar o tabu que existe por trás do tema da fome.

## Herança da obra de Josué

Nota-se que Josué de Castro tem uma vasta obra (Quadro Nº 1) que permite diversas leituras. A importância destas obras se revela a todo o momento, pois até hoje o fenômeno da fome não foi extinto da superfície da terra. Josué de Castro apresenta diversos elementos para a discussão do fenômeno da fome hoje, seja tratando de políticas públicas de combate à fome, seja tratando dos discursos produtivistas das em-

Quadro N<sup>o</sup> 1  
PRINCIPAIS OBRAS DE JOSUÉ DE CASTRO

Título	Responsável pela publicação	Ano
O problema fisiológico da alimentação no Brasil	Faculdade de Medicina de Recife	1932
Metabolismo basal e clima	Revista Médica de Pernambuco	1932
O problema da alimentação no Brasil	CIA. Editora Nacional	1933
Condições de vida das classes operárias do Recife	Departamento de Saúde Pública do Recife	1935
Alimentação e raça	Civilização Brasileira	1935
Alimentação Brasileira à luz da geografia humana	Edição da Livraria Globo	1937
Documentário do Nordeste	J. Olympio	1937
Fisiologia dos tabus	Edições Nestlé	1939
Ensaio de Geografia Humana	Ed. Globo	1939
Geografia da Fome	O Cruzeiro	1947
Geopolítica da Fome	Casa do Estudante do Brasil	1951
A cidade do Recife: Ensaio de geografia Humana	Casa do Estudante do Brasil	1955
Três personagens: Einstein, Fleming, Roosevelt	Casa do Estudante do Brasil	1955
O Livro Negro da Fome	Brasiliense	1957
Ensaio de Biologia Social	Brasiliense	1957
Sete palmas de terra e um caixão	Brasiliense	1964
Ensayos sobre el Sub-Desarrollo	Siglo Veinte	1965
Adonde va la América Latina?	Latino Americana	1966
Homens e caranguejos	Brasiliense	1967
Explosão demográfica e a fome no mundo	Editora Itaú	1968
El Hambre: problema universal	Editora la Pleyade	1968
Latin American Radicalism	Vintagem books	1971
A estratégia do desenvolvimento	Ed. Seara Nova	1971
Mensagens	Ediciones Colibri	1980

Fonte: Elaboração própria.

presas multinacionais, seja tratando do imaginário da população com relação ao fenômeno da fome. Para a “História do Pensamento Geográfico Brasileiro” sua contribuição foi decisiva.

Sua obra apresenta um rico debate com diversos geógrafos, em especial com os da Geografia Francesa, e por vezes é possível apontar para avanços teóricos realizados pelo autor no sentido de uma Geografia que tenha uma postura mais crítica e ativa frente à realidade brasileira e mundial. Aplicando método de trabalho geográfico em escala universal, lança o livro Geopolítica da Fome (1951), apresentando uma análise de aplicação prática dos conhecimentos gerados pela geografia

política, isto é, a temática da relação entre o espaço e o poder e entre o estado e o território na investigação da fome.

Josué denunciou a fome universal como uma praga fabricada pelo homem contra outros homens, tentou criar uma teoria explicativa para a triste realidade do desenvolvimento, da pobreza, da miséria (Souza, 2005).

Ele era apenas um brasileiro. Cientista, escritor, um homem público devotado a sua pátria, a seu povo, aos povos do Brasil. Sabia das injustiças, sabia das nossas mazelas, sabia da fome, e como sabia da fome (Amado, 2005).

Um dos traços fundamentais de Josué Castro era a sua clarividência. A clarividência é uma virtude que se adquire pela intuição, mas, sobretudo pelo estudo. É tentar ver a parte do presente que se projeta no futuro (Ribeiro, 2005).

Josué foi um homem na geografia que deixou sua história, que soube lutar por um futuro melhor para o seu país e para a humanidade, usando como armas apenas o seu conhecimento, a sua capacidade de trabalho e a sua ação. Sua vida foi uma grande lição para humanidade, tentou modificar a história de seu país, em sua própria realidade, sua própria cultura. É este cidadão pernambucano que o Brasil e a Geografia de hoje precisa dar valor, deixando de ignorar seus conhecimentos (Santos, 2005).

“A Geografia da Fome” identificou, com precisão cirúrgica, o problema da fome no Brasil, conferindo ao conceito a complexidade e diversidade que lhe é inerente e também proporcional aos problemas sociais que estão na sua gênese. Vasculhou todas as suas especificidades de modo a reunir elementos para apontar as multiplicidades de ações de políticas necessárias para o setor. São “as fomes individuais e coletivas. As fomes totais e parciais. As fomes específicas e as fomes ocultas”. Sua preocupação voltou-se principalmente para as fomes coletivas, em especial atenção para as parciais ou ocultas que, segundo ele, por mais frequentes e graves, são as que mais atingem as populações e com elevado poder de dizeimação.

É a fome provocada pela falta permanente de determinados componentes nutritivos; é quando a pessoa come, todos os dias ou quase todos os dias, mas não se alimenta. O acesso à alimentação, em quantidade, regularidade, quantidade suficientes e ainda suficientemente diversificados para cobrir as necessidades alimentares da população. Esse é o primeiro direito constitutivo na formação da cidadania, da dignidade humana. O direito elementar e humano à alimentação é uma condição básica para que as pessoas tenham saúde, que tenham condições de almejar outros direitos, outros desejos de uma vida melhor. Cuidar para que isso aconteça não é assistencialismo, é

promover reconhecimento de direitos elementares e é um movimento que tem raízes históricas na sociedade brasileira, tendo Josué de Castro como principal referência. Outras pessoas e entidades se mobilizaram em torno dessa bandeira, como o Herbert de Souza (Betinho), Dom Hélder Câmara, Dom José Maria Pires, Dom Marcelo Pinto Cavaleira, além de tantos outros anônimos que dedicaram e dedicam suas vidas à luta por um Brasil sem fome que em parte se traduz hoje no Fome Zero (Programa do Governo federal Brasileiro).

Seus livros tornaram-se referências clássicas da produção intelectual brasileira. Celebrizaram a frase que ainda hoje é repetida quando se trata sobre fome. “Metade da população não dorme porque não tem o que comer, a outra metade não dorme com medo dessa que não tem o que comer”.

## Conclusão

Josué dedicou o melhor de seu tempo chamando a atenção para os problemas da fome e da miséria que ocorria no mundo, dirigiu seus estudos para a análise não apenas da fome em si e de sua incidência sobre as pessoas mal alimentadas, mas das causas do problema e da ameaça que representava para a humanidade, das seqüelas que deixava nas populações mal alimentadas, com repercussões na esperança de vida, na produção e no desenvolvimento intelectual.

Castro levantava a partir de constatações radicais uma série de idéias, não só pela seriedade e audácia com que enfrentou o grande tabu, a fome, mas pela denúncia que fez da situação em que vivia a maioria da população do país, usando metodologia eminentemente geográfica, analisou as suas características físico-naturais e sociais.

Como pensador conseqüente, não limitou a dar o diagnóstico da fome do mundo, passou também a orientar como poderia desenvolver a luta pela sua erradicação, a questão alimentar passava a ter forte prioridade nas preocupações governamentais e já se começava a entender que os grandes problemas não dependiam apenas de aspectos étnicos ou climáticos, mas do sistema social gerado pela colonização e sugeria a necessi-

dade de se desenvolver uma política de correção dos seus impactos negativos.

Um outro aspecto que é de fundamental importância está em estabelecer as diferenças de abordagem para que possamos perceber como o reconhecimento da assistência no campo dos direitos sociais é o caminho para combater o assistencialismo, muito perceptível em todas as pesquisas desenvolvidas por Castro. Por muito tempo, prevaleceu uma visão equivocada sobre a questão da alimentação, que era vinculada à caridade. Na lacuna deixada pela ausência histórica de políticas na área, sobressaíram os movimentos de combate à fome, de coleta de alimentos para distribuição em datas e eventos específicos. Não há como negar que foram - e ainda são - importantes manifestações de filantropia e de boa vontade. No entanto, pelas limitações inerentes à natureza dessas iniciativas - por vezes segmentadas, pontuais e exclusivamente emergenciais - não se constituem, efetivamente, em alternativa para solucionar um problema que é estrutural e tem implicações sociais.

O direito à alimentação, exatamente por sua premência, não pode estar sujeito à boa vontade das pessoas e instituições, por melhor que sejam as intenções e por mais importância que tenha essas iniciativas no sentido de mobilizar as consciências em torno das soluções do problema da falta do que comer. É necessário, considerando os ensinamentos de Josué de Castro e outros que estudaram o fenômeno, que o direito à alimentação faça parte de políticas públicas permanentes, articulando com outras políticas que ataquem, na origem, os problemas sociais que produzem a situação de fome.

As políticas precisam, inclusive, considerar a história dos movimentos sociais, desenvolvendo também a capacidade de articular o esforço coletivo de homens e mulheres de boa vontade que estão em contato, na ponta, com o problema da fome e se mobilizam em torno dele.

Mas, nesse caso, os movimentos passam a existir num outro patamar, contribuindo, com sua capilaridade e potencial mobilizador, como parceiro de uma política elaborada estrategicamente e que pense o problema

da fome de maneira global. Essas características se refletem na LOSAN, resultado de um projeto elaborado pelo governo com participação efetiva do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) em sintonia com os conselhos estaduais e municipais e prontamente acolhidos pelo Congresso Nacional, que o aprovou com a agilidade necessária.

Penso que um governo entra para a história quando ele expressa e viabiliza sentimentos e desejos presentes na consciência da população. Erradicar a fome e a desnutrição no Brasil, na perspectiva de direitos legitimados e normatizados em lei e articulando com outros direitos, é um sentimento forte na sociedade brasileira. Juntos estamos alcançando essa conquista histórica: erradicando a fome e a desnutrição no Brasil.

Finalmente podemos observar que um estudo que durou a vida toda de Josué, o Brasil considerou com a LOSAN a importância do seu trabalho, levando em consideração sua diagnose e seus ensinamentos. Contudo, ainda estamos longe de erradicar a fome, pois necessariamente pesquisas e conhecimentos sustentáveis as ciências geográficas e afins dispõem a serviços dos governos, o que na realidade falta e o interesse de acabar com a fome, que não é apenas biológica, mas principalmente material.

A editora Civilização Brasileira lançou a 6ª Edição do livro "Geografia da Fome" (2006). Foi também lançado, pelo MST, um caderno de Estudos de autoria de Anna Maria de Castro denominado Josué de Castro - Semeador de Idéias contendo uma biografia resumida do autor. O Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro, acolhendo por aclamação proposta de seu Reitor, houve por bem conferir o Título de Doutor Honoris Causa - in memoriam a Josué de Castro. Ainda em dias deste ano, em comovente e até certo ponto surpreendente homenagem, a Turma de Estagiários da Escola Superior de Guerra, que se auto denominou "Consciência Nacional", escolheu Josué de Castro como seu Patrono, fazendo inaugurar seu retrato na galeria de homenageados naquela Escola de Altos Estudos das Forças Armadas Brasileiras. Também o CONSEA, Conselho Nacional de Segurança Ali-

mentar e Nutricional, Órgão de Assessoramento da Presidência da República, elegeu Josué de Castro como seu Patrono.

Castro combateu as injustiças sociais, apontando as causas e soluções. Josué Apolônio de Castro, além de desenvolver pesquisas no Brasil, em especial na região Nordeste, considerada uma área de existência de um bolsão de pobreza, também, viajou os quatro cantos da Terra para conhecer e estudar as razões desse mal que afirmara ser “tão antigo como a própria humanidade”: A Fome. Contudo sua ferramenta de pesquisa, seu método na peleja contra a fome, foi fazer da geografia um bandeira de luta contra a fome e respaldando a importância para o estudo do homem e do meio.

## Referências

- ALVAREZ, L. *Discurso pronunciado na FAO, 1974*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.
- AMADO, J. *Pronunciamento por ocasião das comemorações dos 50 anos de Josué de Castro, 1996*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.
- AMADO, J. Josué de Castro: Cidadão do Mundo. *Revista Construir Noticiais*, 2005, Nº 20, p. 26-28.
- ANDRADE, M. *Josué de Castro e Uma Geografia Combatente*, 1981. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.
- BATISTA, M. *Pronunciamento Conselho Nacional de Segurança Alimentar, sobre o 50 anos da Geografia da Fome, 1996*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.
- BOYD ORR, L. *Pronunciamento Ex-Reitor da Universidade de Glasgow e ex-Diretor Geral da FAO, 2007*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.
- BUCK, P. *Comentário sobre o livro Geopolítica da Fome, 2007*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.
- CASCUDO, C. *Comentário a propósito da Geografia da Fome, 2007*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.
- CASTRO, J. *Homens e caranguejos*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.
- CASTRO, J. *Geografia da Fome*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006.
- CELSO, A. *Discurso proferido por ocasião da sessão solene realizada em homenagem aos 50 anos da Geografia da Fome, 1996*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.
- FERNANDES, B. y GONÇALVES, C. *Josué de Castro: Vida e Obra*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2000.
- FRAGA FILHO, C. *Discurso proferido na sessão do conselho universitário da UFRJ, em 1973, logo após o falecimento de Josué de Castro, 1973*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.
- FURTADO, C. *Em busca de novo modelo. Reflexões sobre a crise contemporânea*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.
- HOLLOWAY, M. *Pronunciamento Crítico literário e Jornalista (Londres, Inglaterra), 2007*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.
- LIMA, B. *Discurso proferido na sede da ABI, com o propósito de assinalar os 10 anos da morte de Josué de Castro, 1983*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.
- PIRES, W. *Discurso proferido no Plenário da Câmara de Vereadores de Salvador, por*

ocasião de sessão comemorativa dos 50 anos do Livro *Geografia da Fome, 1996*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.

QUEIROZ, R. *Comentário da Acadêmica sobre o Livro Geografia da Fome, 2007*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.

RIBEIRO, D. *Discurso proferido na sede da ABI, com o propósito de assinalar os 10 anos da morte de Josué de Castro, 1983*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.

RIBEIRO, D. Josué de Castro: Cidadão do Mundo. *Revista Construir Noticiais*, 2005, Nº 20, Ano 4, p. 26-28.

SANTOS, M. *Discurso proferido no auditório da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, em sessão comemorativa dos 50 anos da Geografia da Fome, 1996*. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.

SANTOS, M. Josué de Castro: Cidadão do Mundo. *Revista Construir Noticiais*, 2005, Nº 20, Ano 4, p. 26-28.

SILVA, L. *Discurso de Posse na Presidência da República Federativa do Brasil, 2003*. Brasília: Presidência da República Federativa do Brasil, 2007. Disponível em Internet: <http://www.fomezero.gov.br>.

SORRE, M. *Comentário a propósito da Geopolítica da Fome, 2007*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.

SOUZA, H. Josué de Castro: Cidadão do Mundo. *Revista Construir Noticiais*, 2005, Nº 20, Ano 4, p. 26-28.

STÉDILLE, J. *Apresentação para o Caderno de Estudos denominado Josué de Castro - O Semeador de Idéias, 2007*. Pernambuco: Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, 2006. Disponível em Internet: <http://www.josuedecastro.org.br>.